

## A EVANGELIZAÇÃO ENQUANTO TESTEMUNHO

Enir Cigognini<sup>1</sup>

**Resumo:** Este terceiro artigo sobre o tema da Evangelização é a parte final do Trabalho de Conclusão do curso de Teologia, em 2006. Ele recolhe uma série de contribuições ao longo da História da Igreja sobre um tipo particular de Evangelização que ocorre pelo testemunho e apresenta uma experiência singular sobre um projeto de Santas Missões Populares ocorridas na agora Arquidiocese de Pelotas.

**Palavras-chave:** Missões. Evangelização. Testemunho.

### 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS<sup>2</sup>

Ao longo dos anos, a Igreja em sua sabedoria tem exortado os fiéis ao testemunho de fé. No decreto conciliar *Ad Gentes* (AG) aparece o convite ao testemunho que evangeliza. O decreto expõe a necessidade de uma presença nas sociedades com força de evangelização e fundamentados no Homem Novo assumido no batismo (AG 11). Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), em dois momentos o papa São Paulo VI escreve um dos mais belos textos do Magistério eclesial acerca do testemunho. Esses convites sinceros e perenes, ecoam na prática das igrejas particulares, como se pode evidenciar em uma missão popular organizada e levada a termo com uma participação maciça de cristãos leigos, na Arquidiocese de Pelotas, RS.

### 2 IMPORTÂNCIA DO ANÚNCIO DO EVANGELHO

Num primeiro momento pensa-se nos cristãos que vivem em locais onde não podem manifestar-se publicamente, assim, sua vida deverá ser um anúncio da Boa

---

<sup>1</sup> Professor nos cursos de Filosofia e de Teologia da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: filoenir@gmail.com.

<sup>2</sup> O texto aqui apresentado é a parte final do Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teologia, concluído em 2006. Foram feitos pequenos ajustes para organizá-lo no formato de artigo, sem maiores revisões. Ele é sequência dos artigos: *Evangelização na perspectiva do testemunho: fundamentos e história*, já publicado nesta mesma revista, em 2015 - (<http://www.rsd.ucpel.edu.br/index.php/rrf/article/view/2831/1693>) e *A evangelização enquanto testemunho na América Latina e Brasil: documentos eclesiais até o final do século XX*, já publicado nesta mesma revista, em 2016 (<https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/2853>).

Nova do Reino, ainda que o seja de maneira implícita. Aconteceria assim, uma irradiação simples e espontânea da fé e dos valores do evangelho. O testemunho dos cristãos nessa situação, segundo o papa, faria brotar questões muito profundas no coração daqueles que os observam. Esta proclamação silenciosa abre caminho para o anúncio explícito. Todos os cristãos são convidados a darem este testemunho, isto faz deles verdadeiros evangelizadores (EN 21).

Num segundo momento em que aparece o aspecto do testemunho na *Evangelii Nuntiandi* refere-se às vias da evangelização. Assim, o testemunho de uma autêntica vida cristã é como o querigma, ou seja, um primeiro anúncio da novidade do Evangelho de Jesus Cristo. Já foi citada a passagem, porém não é demasiado repeti-la: “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41). São Paulo VI afirma ainda que a Igreja, pela sua vida e seu comportamento, de fidelidade ao Senhor Jesus Cristo, evangelizará o mundo (EN 41).

A Escritura Sagrada está repleta de exortações em favor do testemunho. A primeira Carta de Pedro, afirma: “para que, se alguns não obedecem à Palavra, venham a ser conquistados sem palavras, pelo procedimento” (1Pd 3, 1), ou ainda o evangelho de Mateus: “brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5, 16). Também a Carta de Tiago oferece dois belos testemunhos ao afirmar: “tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes enganando-vos a vós mesmos!” (Tg 1, 22) ou ainda, “mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a fé pelas minhas obras” (Tg 2, 18b).

Tudo pode ser perfeitamente aplicado à evangelização, pois de que adiantaria um anúncio explícito de lábios desanimados e corações descrentes, ou ainda, anúncio este vindo dos lábios de alguém cuja própria vida desconstrói o que é anunciado?

O apóstolo Paulo exorta a comunidade dos Tessalonicenses para que o imitem:

Bem sabeis como deveis imitar-nos. Não vivemos de maneira desordenada em vosso meio, nem recebemos de graça o pão que comemos; antes, no esforço e na fadiga, de dia e de noite, trabalhamos para não sermos pesados a nenhum de vós. Não porque não tivéssemos direito a isso; mas foi para vos dar exemplo a ser imitado (2Ts 3, 7-9).

Aqui Paulo fala do trabalho, que está ligado à evangelização, pois seu testemunho de trabalho serviu para que a verdade por ele anunciada ocupasse o coração dos ouvintes e tornou-se para eles um exemplo a ser imitado. “Este é o testemunho de vida de Paulo. Este testemunho é o pano de fundo de toda a sua atividade missionária” (MESTERS, 2004, p. 61).

Santo Inácio de Antioquia na sua carta aos Efésios escreve que aquele que se declara por Cristo será reconhecido pelas suas obras, segundo ele, trata-se não de declarações mas de perseverança na virtude. “Melhor é calar-se e ser do que falar e não ser” (LITURGIA DAS HORAS, v. III, 1995, p. 70).

A Carta a Diogneto é mais um precioso relato da importância do testemunho de fé. Ao tratar sobre a vida dos cristãos assim se exprime:

Não se distinguem os cristãos dos demais, nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades à parte, não empregam idioma diverso dos outros, não levam gênero de vida extraordinário. A doutrina que se propõem não foi excogitada solicitamente por homens curiosos. [...] Moram uns em cidades gregas, outros em bárbaras, conforme a sorte de cada um; seguem os costumes locais relativamente ao vestuário, à alimentação e ao restante do estilo de viver, apresentando um estado de vida (político) admirável e sem dúvida paradoxal. Moram na própria pátria, mas como peregrinos. Enquanto cidadãos, de tudo participam, porém tudo suportam como estrangeiros. Toda terra estranha é pátria para eles e toda pátria, terra estranha [...] obedecem às leis estabelecidas, todavia superam-nas pela vida. Amam a todos, e por todos são perseguidos. Desconhecidos, são condenados. São mortos e com isso se vivificam. (A CARTA A DIOGNETO, V, 1 – 10).

Este breve testemunho traz à tona um modo de vida dos primeiros cristãos que transforma uma sociedade pela força do evangelho feito carne em suas vidas, não pela multiplicação de discursos.

Em sua encíclica *Princeps Pastorum*, São João XXIII retomando seu predecessor Clemente Romano que diz:

Quando (os gentios) ouvem de nós que Deus diz: Não há mérito para vós se amais aqueles que vos amam, mas há mérito se amais os inimigos e os que vos odeiam (cf. Lc 6, 32-35), ao ouvirem estas palavras eles admiram esse altíssimo grau de caridade. Mas, quando veem que nós não só não amamos os que nos odeiam, mas nem sequer amamos aqueles que nos amam, eles riem de nós, e o nome de Deus é blasfemado (DOCUMENTOS DE JOÃO XXIII, 1998, p. 108).

O testemunho do amor é eloquente e encarna o Evangelho de Jesus Cristo.

Um grande santo da Igreja, Antônio de Pádua, num de seus mais belos sermões afirma que “a palavra é viva quando são as obras que falam. Estamos saturados de palavras, mas vazios de obras” (LITURGIA DAS HORAS, v. III, 1995, p. 1357), e cita São Gregório que diz “há uma lei para o pregador: que faça o que prega’. Em vão pregará o conhecimento da lei quem destrói a doutrina por suas obras” (LITURGIA DAS HORAS, v. III, 1995, p. 1357 – 1358).

### **3 SOBRE A NECESSIDADE DO TESTEMUNHO EM NOSSOS DIAS**

Esse brado de Antônio encontra eco nos dias atuais onde o ser humano vive mergulhado num oceano de discursos e imagens e anúncios que provocam o desejo voraz do consumo. Com isso, a mensagem cristã pode correr o risco de tornar-se mais um anúncio, mais um discurso, mais um produto de marketing neste universo.

Diante de leviatãs desafiadores e da maldade do coração humano (Mc 7, 21-23) que torna imperfeita a vida e o testemunho dos evangelizadores, talvez o melhor seria não anunciar mais. Porém, o mandato do Senhor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20a) continua válido e cada vez mais urgente.

Deste modo pode surgir uma tripla possibilidade para os evangelizadores destes tempos:

1) cruzar os braços e aguardar um milagre, é o que muitos evangelizadores desanimados fazem diante da aparente esterilidade de sua pregação;

2) fazer uma verdadeira revolução copernicana em termos de marketing e divulgação da mensagem cristã, utilizando os meios de comunicação social em larga escala, transformando o próprio cristianismo num produto midiático, assim, o planeta todo seria envolvido por tal empreendimento e todos de uma forma ou de outra, mesmo que habite no lugar mais inóspito da terra ouviria falar de Jesus Cristo;

3) uma terceira possibilidade é uma parceria entre os meios modernos de comunicação social e as técnicas de marketing com o anúncio implícito e explícito da mensagem cristã. Os meios de comunicação e demais técnicas não devem ser desprezados, mas não podem ser hipervalorizados, pois o trabalho realmente eficaz é feito por milhares de evangelizadores anônimos que agem em todos os lugares dando testemunho de uma Vida Nova em Cristo Jesus. Este é o querigma, ou seja,

o primeiro anúncio, que deverá vir acompanhado por uma catequese, acompanhamento e inserção nas comunidades cristãs.

Seria o bastante alguém ouvir dizer uma mensagem, ainda que esta seja a Boa Nova do Reino de Deus? A pregação deve despertar a fé e esta enquanto ato é eclesial, deste modo, como poderiam aderir a Jesus Cristo se o 'evangelizador' foi um outdoor, um programa de televisão, uma mensagem numa caixa de cereais matinais ou mesmo um slogan de uma camiseta na vitrine da loja? Alguém acreditaria numa massa humana gritando o nome de Jesus pelos quatro cantos do mundo para que ele seja conhecido? Até pode acontecer por obra do Espírito Santo, diante da abertura que cada um oferece à graça de Deus. Provavelmente a Boa Nova do Reino de Deus seria mais um produto de mercado oferecido pela internet e outros meios que o mercado dispõem.

A possibilidade da evangelização enquanto anúncio implícito não é oferecida pela capacidade humana, mas, pela graça abundante do Senhor. Assim, há no testemunho uma dimensão humana e uma divina. Esta graça é oferecida a todos que a ela se abrem e se esforçam por fazê-la frutificar.

Não é demasiado recordar que o evangelizador que anuncia explicitamente a mensagem, bem como o que o faz de maneira implícita devem ser enviados pela Igreja, visto que a evangelização é um ato eclesial.

Todos os batizados são convidados para a tarefa da evangelização. Não significa que todos devem percorrer o mundo anunciando nas praças. Muitas vezes o testemunho silencioso de milhares de pessoas evangeliza mais do que pregadores que não vivem o evangelho. Trata-se, portanto, de não separar os dois anúncios que não o mesmo implícito e explícito, sendo que o implícito é o primeiro, só o segundo corre o risco de perder-se no vazio. Assim, o mandato do senhor de anunciar o Evangelho, tem dois aspectos indissociáveis: viver o Evangelho e anunciá-lo.

Diante do desafio sempre atual de evangelizar, a diocese de Pelotas organiza a cada decênio, aproximadamente, Santas Missões Populares. As duas últimas realizadas uma na década de 90 e a outra atualmente, de 2005 até 2007<sup>3</sup> tiveram como característica a participação ativa e efetiva dos leigos através da pregação (animação) e visitação durante as semanas missionárias. De todas as experiências realizadas pode-se afirmar com convicção que o maior fruto das santas missões

---

<sup>3</sup> A Santa Missão Popular ainda não havia sido concluída em 2006 quanto o texto foi escrito. Ela foi coordenada pelo Pe. Carlos Romulo Gonçalves e Silva.

populares é a renovação das comunidades eclesiais, bem como das pessoas. A grande força das missões vem de Deus mesmo que conduz os passos dos missionários. Há, entretanto, um fato positivo e extremamente importante, o que mais impressiona não são as grandes e eloquentes pregações, mas o testemunho de centenas de pessoas muito simples, muitas vezes, com baixo grau de escolaridade, depositários de uma catequese deficitária, tomam coragem, visitam famílias, rezam com elas, fortalecem os doentes, consolam os aflitos, enfim anunciam por seu próprio testemunho de fidelidade, pobreza e humildade o Cristo vivo que continua a passar pelas nossas cidades.

Diante de grandioso testemunho de fé cabe aqui o silêncio, não o discurso, cabe aqui a exortação para que o cristão contemporâneo seja um evangelizador, dê testemunho do evangelho para que seja reconhecido como tal.

#### **4 REFLEXÕES FINAIS**

O apóstolo Paulo, grande evangelizador dos primórdios, um dos maiores responsáveis para que o evangelho chegasse até os confins da terra exclama: “Ai de mim se eu não anunciar o evangelho”. Assim como ele a Igreja se preocupa com tal tarefa que lhe deixou o Senhor. Evangelizar trata-se, pois, de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Este anúncio possui um duplo aspecto que não devem ser separados: o anúncio explícito e o implícito. O primeiro refere-se à pregação propriamente dita, já que, como o próprio Paulo afirmou “a fé vem da pregação” (Rm 10, 17); o segundo por sua vez tem a primazia, trata-se de uma vida digna do Evangelho de Jesus Cristo (Fl 1, 27), que sustenta a própria pregação.

A presente síntese teológica intentou trazer o aspecto testemunhal da evangelização à luz da reflexão teológica, bem como fazer a pergunta crucial para os tempos atuais: os cristãos de hoje anunciam Jesus Cristo pelo seu testemunho de vida?

A resposta parece bastante evidente. Recorrendo vários períodos e fatos importantes da História da Igreja, é possível perceber que a fé chega aos tempos atuais trazida pelas mãos trêmulas de homens e mulheres que, como centenas de mártires, como Francisco de Assis, como Bartolomé de Lãs Casas, entre outros citados, deram testemunho da radicalidade que significa optar por Jesus Cristo, viver

o Evangelho numa situação concreta. Ou seja, não se trata de uma opção superficial como aquela que se faz ao escolher em qual cidade se passarão as férias, trata-se sim, de uma opção fundamental que torna cada um, discípulo e ao mesmo tempo anunciador da Palavra. Por isso, o evangelizador não pode ser um mero ouvinte da Palavra, repetindo-a nos 'púlpitos', deve esforçar-se por colocá-la em prática na situação concreta em que vive.

O sobrevoo feito pela História da Igreja fez com que se percebesse o crescimento e expansão do Reino. De um reduzido grupo de pessoas rudes e claudicantes até a estruturação de uma instituição forte e poderosa, por muitos, criticada e considerada demasiado pesada para a atualidade. De todos os momentos pode-se verificar a força e a eficácia do testemunho para que milhares de pessoa acolhessem a Boa Nova. Olhando por este prisma, percebe-se a quantidade de evangelizadores anônimos que gastaram sua vida gritando o evangelho e dos quais não se conhece a biografia, resta apenas a fé que eles transmitiram. Se, nestes tempos, a estrutura pesa, o esforço deve concentrar-se em mostrar um caminho alternativo digno do Evangelho e não mostrar-se amante da crítica.

Isso deve estimular os cristãos de hoje em seu compromisso missionário. Qual é a boa notícia que anunciam? É a de Jesus? É triste observar que há, por um lado, provavelmente, muitos que destroem com as atitudes o que anunciam com palavras, e neste caso, 'Deus é blasfemado' (DOCUMENTOS DE JOÃO XXIII, 1998, p. 108), por outro, e isso enche o coração de alegria, observar os milhares de cristãos, que talvez até não conheçam teologia, muito menos técnicas de comunicação, mas realizam uma evangelização que deixa os doutores constrangidos.

É importante olhar para o Brasil neste momento, após mais de quinhentos anos de evangelização. Este país que carrega nos ombros as marcas da escravidão e da dizimação de várias culturas indígenas. Isso, no entanto, não deve paralisar o evangelizador, deve, ao contrário, estimular para que ele possa gastar sua vida gritando o Evangelho a essas culturas, bem como para um ceticismo e relativismo crescentes. Muitos poderiam, por um lado, considerar infrutífero o trabalho realizado pelas irmãs de Jesus junto aos Tapirapés a muitos anos, embora ali não tenha surgido nenhum índio que se faça batizar, por outro lado quão maravilhoso grito é o evangelho de tais irmãs que contrastam com a voracidade e violência dos colonizadores.

O evangelizador não se deve deixar enganar com dados numéricos que fazem do Brasil um país católico. Elas não passam de estatísticas, visto que muitos dos que nesses números se definiram como católicos não o são de fato.

O Concílio Vaticano II marca uma grande virada na vida da Igreja, ele precisa, entretanto, ser aprofundado e dado a conhecer aos cristãos de todos os lugares por mais longínquos que sejam, visto que, embora já se tenham passado quarenta anos, não foi esgotada sua profundidade e atualidade.

Cada comunidade cristã é um centro de evangelização e de vivência do Evangelho, já que ninguém evangeliza, ou mesmo vive o evangelho sozinho. O mundo precisa, mais do que nunca, ouvir a Boa Nova do Reino e de lábios animados, de lábios de pessoas cuja vida não compromete o próprio anúncio.

Todo evangelizador, antes de sê-lo, é discípulo e como tal deve aprender do mestre, pois anunciar o evangelho é graça de Deus, testemunhá-lo também, ninguém chegaria ao martírio (grau máximo do testemunho) sem o auxílio de Deus. Assim sendo, o evangelizador é alguém aberto aos apelos do Senhor, dócil à sua palavra carrega um grande tesouro, ciente de sua fragilidade. Assume sua fragilidade, pois nela se manifesta a força de Deus. Ele é ainda alguém que, a exemplo de Cristo, se esvazia de si mesmo para que Deus e somente Ele possa preenchê-lo.

## REFERÊNCIAS

A CARTA A DIOGNETO. Petrópolis: Vozes, 1976.

ALBERIGO, Giuseppe. **A Igreja na História**. São Paulo: Paulinas, 1999.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CESCA, Olivo. **Itinerário da Encarnação**. Porto Alegre: Equipe Regional de Catequese, 1980.

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja I: das origens ao século XV**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. **Para ler a História da Igreja II: do século XV ao século XX**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

- COMPÊNDIO DO VATICANO II. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. São Paulo: Paulus, 1993.
- DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA SOBRE A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. São Paulo: Paulinas, 1976.
- FORTE, Bruno. **A Missão dos Leigos**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Trindade como história**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Para onde vai o Cristianismo?**. São Paulo: Loyola, 2003.
- GALILEA, Segundo. **Evangelização na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. **História da Igreja no Brasil**. Tomo II/1, Petrópolis: Vozes e Paulinas, 1983.
- INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE. **A pastoral da juventude no Rio Grande do Sul**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- KLINGE, Germán Doig. **De Rio a Santo Domingo**. Lima, Peru: VE, 1993.
- LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas & Vozes, 2004.
- LITURGIA DAS HORAS. v. 3. Brasil: Vozes, Paulinas, Paulus e Ave-Maria, 1995.
- MESTERS, Carlos. **Paulo apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho**. 8 ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Loyola, 2000.
- NOVA HISTÓRIA DA IGREJA I. **dos Primórdios a São Gregório Magno**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à Eclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1998.
- POR UMA IGREJA TODA MISSIONÁRIA. **Breve curso de Missiologia**. 2 ed. Florianópolis: Jornal Missão Jovem, [20--?].

SANTOS, Manoel Augusto. **Concílio Vaticano II: 40 anos da Lumem Gentium.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SANTOS, Manoel do Rosário dos. **Jesus Evangelizador.** 2 ed. Brasília: Nova Evangelização, 1993.

SECONDIN, Bruno. **Curso de Espiritualidade.** São Paulo: Paulinas, 1993.